



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Gaya, Adroaldo
Sobre o Esporte para Crianças e Jovens
Movimento, vol. VII, núm. 13, diciembre, 2000, pp. I-XIV
Escola de Educação Física
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115318299008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sobre o Esporte para Crianças e Jovens

Adroaldo Gaya*

AS PRIMEIRAS PALAVRAS

As primeiras palavras são de parabéns à Revista Movimento. O tema proposto para debate em sua edição de nº 12, O Esporte na Escola e o Esporte de Rendimento¹, configura-se como atual e de muita relevância. Está a comprovar as discussões que ocorrem no país sobre a necessidade da constituição de uma política de esportes que tem sido estimulada pelo Ministério de Esportes e Turismo (MET) do Governo Federal e pela própria Assembléia da República, entre outras instituições representativas de nossa sociedade. Ressalte-se no âmbito do MET a criação de uma Câmara Setorial sobre o Esporte e nela a formação de um grupo especial cuja meta configura-se na preocupação em definir rumos para o esporte de crianças e jovens.

Evidentemente a Revista Movimento ao proporcionar tal debate em sua sessão Temas Polêmicos, na expectativa de que possamos contar com a participação de vários pesquisadores e estudiosos das diversas áreas das ciências do esporte e da educação física, presta efetivo serviço a comunidade esportiva na medida em que estará colaboran-

do para a qualificação das discussões que poderão orientar os rumos do esporte no Brasil.

Sobre o debate que agora tem início afirmo que foi com a devida atenção que li e reli os textos de Elenor Kunz e Vai ter Bracht. Evidentemente temos algumas diferenças conceituais sobre a forma como fizemos a leitura do significado do esporte como fenômeno social e, por conseguinte, como tratá-lo como conteúdo pedagógico. Todavia, no ensaio que ora introduzo não tenho a intenção de esgrimir diretamente contra seus argumentos. Entretanto, será inevitável que em algumas passagens eu deva sublinhar algumas diferenças e defender-me de algumas estocadas que principalmente a espada de Valter Bracht desferiu com agilidade sobre algumas das concepções teóricas sobre as quais divergimos. É claro, sempre pautado por uma linha ética que pressupõe indiscutível respeito pessoal e alta consideração acadêmica. Não gostaria de ver repetido nestes Temas Polêmicos ataques pessoais e desrespeito a instituições como ocorreu lamentavelmente em outra oportunidade².

Entendo, que devo aprovei-

tar este espaço para expressar de forma mais clara possível minhas convicções, meu entendimento e minhas crenças sobre o conhecimento referente ao esporte de crianças e jovens com o intuito de oferecer aos leitores da Movimento alternativa de interpretá-lo para além daquelas já tão repetidamente descritas em nossas revistas e anunciadas nos inúmeros congressos e simpósios pelo Brasil.

Por fim, nessas primeiras palavras introdutórias, a revelia dos editores da revista³, gostaria de convidar outros estudiosos e não só brasileiros, a participar desse promissor debate. São tantos professores e pesquisadores com quem pude conversar ao longo do tempo em encontros fraternos e de muita riqueza intelectual que com suas idéias claras, embora divergentes das visões mais ou menos hegemônicas que se estabeleceram no Brasil, evitam participar de debates como esse. Com isso, deixam de colaborar efetivamente para construção de um quadro teórico passível de traduzir os muitos significados do esporte. Aliás, como afirma Jorge Bento, o esporte é polissêmico e polimorfo, portanto, como pretendo demonstrar à frente, não pode ser apreendido em sua complexidade de formas e sentidos por uma qualquer teoria unificadora seja ela de cunho científico, filosófico ou ideológico.

Defendo esta tese no início do ensaio. Vou utilizar-me de

um texto cujo o título é: *O Jogo de Bola entre os Espelhos*. Através desta analogia tento demonstrar que todo o conhecimento sobre o esporte (e não só) pode ter pretensão de validade. Todavia, seja como for, este conhecimento representará sempre uma visão parcial do fenômeno maior. Jamais interpretará a realidade em todo o seu significado. De outra maneira poderíamos dizer que é evidente que qualquer disciplina das ciências do esporte pode constituir subsídios¹ para a compreensão deste fenômeno da cultura corporal. A fisiologia, a biomecânica, a bioquímica, a psicologia, a antropologia a sociologia, etc, enfim qualquer área de estudo científico tem sua legitimidade efetiva para colaborar com o edifício teórico sobre o esporte. Mas, tenho claro, nenhuma delas isoladamente tem legitimidade para requerer para si a hegemonia do discurso.

Afirmo, através do texto, que já não acredito em qualquer discurso unificador sobre o esporte (e não só). Não creio na(s) Ciência(s) do Esporte(s), não vejo a possibilidade de sucesso nas tentativas interdisciplinares, multidisciplinares ou transdisciplinares no intuito do discurso unificador capaz de apreender sentido plural do esporte. Por isto, entendo como necessário relativizar seu discurso no tempo e no espaço de cada olhar disciplinar e com isso conceber sua pluralidade de significados.

Na segunda parte do ensaio trato da relação possível entre uma provável essência singular inerente às práticas esportivas e os sentidos ou significados múltiplos atribuídos por seus praticantes. Retorno ao tema⁴ tendo em vista: (a) a sua relevância como pensamento introdutório a filosofia do esporte; (b) sua possibilidade em viabilizar uma epistemologia que supere o realismo científico⁵ predominante nas ciências do esporte em prol de um realismo representativo⁶. Uma forma moderada de relativismo epistemológico onde se percebe que o conhecimento se constitui numa representação ou modelo (mais ou menos isomórfico) do real, mas não se confunde com o real; (c) a perspectiva capaz de colaborar para uma compreensão mais abrangente sobre a convivência possível do esporte na escola e o esporte de rendimento para crianças e jovens; e, (d) em relação aos textos introdutórios do presente debate, contestar a apressada avaliação de Valter Bracht que em seu artigo classifica o discurso sobre a essência do esporte como sendo *"Esta visão tosca (...)"* (p. XVI).

COM A PERMISSÃO DE DOIS MESTRES PORTUGUESES

Certamente parte do que aqui escrevo tem forte influência de dois pensadores portugueses. São dois, entre tantos intelectuais portugueses, que muito admiro e com quem muito aprendi. Leonar-

do Coimbra e Boa ventura de Sousa Santos. Leonardo Coimbra: filósofo, pedagogo e político. Mentor da filosofia criacionista e que viveu até a primeira metade do século passado. Sousa Santos: sociólogo, epistemólogo, político. Prestigiado professor da Universidade de Coimbra que tem exercido significativa influência no pensamento contemporâneo a partir de sua *abordagem autodenominada pós-moderna de oposição*,

"(...) onde se articula a crítica da modernidade com a crítica da teoria crítica da modernidade. Teoria que pretende configurar-se na consciência cartográfica do caminho que vai sendo percorrido pelas lutas políticas sociais e culturais que ela influencia tanto quanto é influenciada por eles" (Santos, 2000, p.37).

Ocorre que ambos, por motivos diferentes, utilizaram-se dos espelhos como objetos para criar uma imagem metafórica por demais interessante para explicitar suas idéias. Leonardo Coimbra ao tratar da origem do conhecimento refere:

"Para o problema do conhecimento pode dar-se fundamentalmente dois tipos de solução: a da consciência passiva e conformada ao mundo e a consciência ativa e informada do mundo. Em qualquer dos casos é o conhecimento um maravilhoso espelho do Mundo, pois em qualquer dos casos é o Mundo dado à consciência que ou o repete ou o cria." (Patrício, 1992, p. 197)⁷.

Sousa Santos para caracterizar as sociedades sugere:

"(...), as sociedades são a imagem que têm de si vistas nos espelhos que constróem para reproduzir as identificações dominantes num dado momento histórico. São espelhos que, ao criar sistemas e práticas de semelhança, correspondência e identidade, asseguram as rotinas que sustentam a vida em sociedade. Uma sociedade sem espelhos é uma sociedade aterrorizada pelo seu próprio terror." (Santos, 2000, p.47).

O pensamento de Leonardo Coimbra conheci através das aulas, conferências e da tese de doutoramento do filósofo, pedagogo e político humanista Manuel Ferreira Patrício. Homem das terras do Alentejo. Professor da Universidade de Évora, teórico e militante político em prol da educação. Pesquisador que construiu em sua cidade uma concepção de educação verdadeiramente cidadã. A Escola Cultural, como foi denominada por seu criador, é uma escola que integra o currículo formal, o currículo cultural e linda, promove a integração entre ambos numa prática comunitária solidária e participativa.⁸

Boaventura de Sousa Santos, conheci através do meu querido amigo e professor da Universidade do Porto António Teixeira Marques quando saboreávamos um bacalhau na brasa na Cantina do Carlos em Coimbra. Na margem oposta ao Rio Mondego, ao lado da Associação Acadêmica de Coimbra e de onde se avista, no outro lado do rio, ao alto os prédios milenares desta prestigiada Universida-

Conhecia até então o Prof. Boaventura⁹, de suas crônicas cáusticas levadas ao ar em edições semanais pelo rádio. Também por sua militância política como participante de um movimento de vanguarda denominado de Política XXI que pela sua relevância muito seguidamente estava presente nos programas da televisão portuguesa. Preocupado na época com estudos de ordem epistemológica na qual desenvolvia minha tese de doutorado, evidentemente foram marcantes os livros de Sousa Santos: Um Discurso sobre as Ciências e Por uma Ciência Pós-Moderna, a que vieram somar-se mais tarde Pela Mão de Alice e, recentemente, A Crítica da Razão Indolente.

Apresentado por deferência de António Marques, conversamos sobre política, epistemologia e sobre um amigo comum que tínhamos em Porto Alegre¹⁰. Sabendo que estaríamos na capital gaúcha meses adiante marcamos um reencontro. Foi o primeiro de tantos outros.

Pois bem, com a devida permissão desses dois intelectuais portugueses, vou utilizar-me dos espelhos como uma imagem de retórica para introduzir meus argumentos de ordem epistemológica na primeira parte deste debate sobre o esporte na escola e o esporte de rendimento. Afinal:

"O problema filosófico fundamental é problema do conhecimento. Ser o problema filosófico fundamental significa que é o

problema que serve de fundamento a todos os outros, que é o problema a partir do qual todos os problemas filosóficos se põem" (Patrício, 1992, p.195).

O JOGO DE BOLA ENTRE OS ESPELHOS

Viajava pelas estradas do interior do Rio Grande do Sul. Dirigia com cuidado. Não havia pressa. Afinal, eu tinha tempo. Meu compromisso com a Universidade de Santa Cruz do Sul era á noite. Desfrutava à paisagem muito verde dos campos do Vale do Rio Pardo. Campos cobertos por plantações de fumo, outros com pastagens habitados por gado de leite, ovelhas, alguns cavalos e pássaros. Pássaros entre os quais se destacavam alguns que com sua plumagem branca contrastavam com o verde do campo. É uma paisagem acolhedora e que transmite tranqüilidade, serenidade e, da mesma maneira, traduz a força da mão trabalhadora do homem do campo.

No serpentear da estrada em cada curva a imagem se renova. De tempos em tempos, minha atenção voltava-se para as escolas rurais. Escolas em prédio térreo de alvenaria. Prédios simples normalmente pintado de branco e com um letreiro em preto que lhes dava nome próprio.

Me interrogo: Como será a educação física das crianças que freqüentam essas escolas? Como se efetiva sua cultura esportiva? Percebo que talvez a resposta estivesse no próprio

caminho que percorria. Lembrei que passara por vários campos de futebol. Uns meio inclinados morro acima; outros habitados por animais que pastavam calmamente; outros em baixadas que certamente se enchem de água durante o período das chuvas; outros com alguns obstáculos naturais próximo a marca do escanteio ou das linhas laterais. Mas são campos de futebol, as goleiras o identificavam. Embora as traves fossem de bambú, de troncos de eucaliptos jovens, de resto de madeiras; alguns sem o travessão superior, outros, mais sofisticados, até com redes,... eram campos de futebol.

Lembrei ainda que cruzara por duas pistas de cancha reta (corridas de cavalo), um parque de rodeios e um belo ginásio municipal de esportes. Ao longo da estrada, principalmente próximo às cidades mais urbanizadas, homens e mulheres com roupas esportivas faziam seu *jogging* e outros tantos pedalavam suas bicicletas. É evidente, o esporte estava presente em suas vidas. Mas qual seria o papel da escola neste universo da cultura esportiva? Efetivamente não saberia responder, mas reconhecer seria uma tarefa importante a ser investigada.

Mas vou me deter noutra paisagem que avistei num fundo de campo junto à estrada. Lá estavam um grupo de 5 ou 6, talvez 7 ou 8 meninos e meninas jogando bola. Com uma corda amarrada entre duas canas de bambu, certa-

mente jogavam voleibol. Deixei-os para trás não sem antes dar mais uma "olhadela" pelo espelho retrovisor esquerdo de meu carro. Lá estava a imagem próxima e nítida. Olhei novamente, desta vez pelo retrovisor direito. A imagem, já mostrava o vôlei das crianças mais longe todavia, a visão era mais panorâmica que a anterior. Retornei ao espelho esquerdo. Bem, para minha surpresa as crianças estavam mais próximas, embora com o carro em movimento. Pelo espelho interior a imagem era semelhante a do espelho esquerdo todavia, não era a mesma do espelho direito.

Tecnicamente nada de estranho pois as diferenças eram explicadas no próprio manual do carro:

"A lente do espelho retrovisor direito é parabólica e aumenta o campo de visão. No entanto, diminui o tamanho da imagem dando a impressão que o objeto refletido está mais longe que o real".

Posteriormente, já quando planejava escrever este ensaio, um amigo muito estimado, professor de física me explicou com detalhes as leis da ótica e como se podem formar as imagens reais nos espelhos côncavos e as virtuais em espelhos convexos. Discutimos também sobre o conceito operacional de imagem real passíveis de serem produzidas por espelhos côncavos utilizadas no ensino da física. Terá este conceito de imagem real a propriedade de traduzir de fato a realidade?

É a partir desta questão que início minhas reflexões. Trata-se do problema do conhecimento. Afinal, é através dos nossos discursos que tentamos traduzir, descrever ou interpretar o mundo real. É através de nosso verbo que tentamos descrever ou interpretar sobre o significado real do esporte. É também pelas palavras que vemos no esporte realidades convergentes ou divergentes.

Mas nossos discursos sobre o real assemelham-se a imagens verdadeiramente reais ou são imagens virtuais? Olhamos através de espelhos côncavos ou convexos? O que nos garante que a nossa verdade (ou o nosso real) coincide com a essência¹¹ do fenômeno que observamos?

E sendo assim, quais os critérios que podem atribuir a intelectuais isoladamente ou a coletivos de autores a convicção de que são detentores dos discursos capazes de expressar a realidade de qualquer fenômeno, seja natural ou social? Que critério atribuímos ao nosso discurso para descrever o esporte? Não seriam esses critérios os espelhos sobre os quais vemos o real? Todavia, quem nos garante que, para além da perspectiva do empirismo puro, o espelho (mesmo o côncavo¹²) seja capaz de traduzir o real?

Vamos imaginar a mesma viagem até Santa Cruz do Sul. Portanto, o mesmo trajeto, os mesmos campos, as mesmas escolas e o mesmo jogo de

vôlei das crianças. Desta feita vamos repetir o passeio acompanhados de colegas cujo o interesse em estudar o esporte originam-se em áreas diversas das ciências do esporte.

Façamos a primeira viagem acompanhados do Álvaro Oliveira, Jorge Pinto Ribeiro, Cláudio Gil Soares, Turíbio Leite e Manoel Costa. Apenas alguns representantes dos muitos estudiosos da fisiologia do esporte em nosso país. Pois, é provável que a descrição do jogo de vôlei das crianças se desse por aspectos referentes a rotas metabólicas, os processos de contração muscular, a bioquímica, os radicais livres, etc. Indiscutivelmente tais descrições constituiriam um quadro isomórfico¹³ da realidade. Quem sabe com esse grupo não constituiríamos uma hipótese inovadora? Uma hipótese rica capaz de sugerir interpretações passíveis de constituírem-se em subsídios de relevância para orientar teorias pedagógicas no âmbito da educação física ou do esporte de crianças e jovens? Mas é claro, tal teoria seria descrita a partir dos espelhos da fisiologia do exercício.

E se viajássemos com o Guimarães, Amadio, Luiz Carlos Bolli, Luiz Alberto, neste ensaio representantes do conjunto de pesquisadores de nossa biomecânica. Seria inevitável que a descrição do *jogo* das crianças seria sobre as técnicas, a eficácia dos movimentos, a cinética e a

cinemática. Talvez, se estivesse presente o Aluizio até descreveríamos sobre a adequação dos calçados em relação ao tipo de piso e altura da corda (rede). Mas o discurso não deixaria de ser sobre as crianças que jogam vôlei, evidentemente na ótica dos espelhos da biomecânica. A descrição seria da mesma forma isomórfica à realidade e, sem dúvida, poderia fornecer importante subsídio para a pedagogia do esporte.

Troquemos os companheiros de viagem. Agora nos acompanham o Petersen, o Go Tani, os casais Canfield e Krug, os representantes da aprendizagem e do desenvolvimento motora. A descrição talvez seria realizada a partir de um debate sobre a teoria dos sistemas dinâmicos. E se acaso estivesse nos acompanhando o Ruy Krebs, não escapariamos de inserir na descrição referências a teoria ecológica de Bronffrenbrenner. Evidentemente, teríamos uma descrição isomórfica à realidade com sua devida importância para as ciências do esporte em geral e para a pedagogia do esporte em especial, mas seria uma descrição efetivada pelo espelho da aprendizagem ou do desenvolvimento motor.

Vamos a Santa Cruz acompanhado do Barbanti, do Francisco Martins, do Carlos Gomes, do Nahas e dos Guedes. A descrição possivelmente estaria centrada a partir do espelho de treinamento esportivo ou da aptidão física. Te-

riamos visões sobre o planejamento e programas de treino para crianças e jovens. É possível algum debate sobre aptidão física referenciada à saúde ou ao desempenho esportivo. Mas, não há dúvidas ganharíamos muito com a descrição do jogo de vôlei das crianças do Vale do Rio Parado pela ótica do treinamento esportivo.

Nesta mesma linha de raciocínio, certamente as ciências do esporte e sua pedagogia ganhariam muitos subsídios com a descrição do jogo de vôlei das crianças de nossa história pelo o espelho da psicologia. Benno Becker Jr., João Batista Freire, Dietmar Samulsky, Pablo Greco poderiam viajar nesta estrada que de Porto Alegre nos leva à Santa Cruz e nos leva a imaginar o jogo de vôlei das crianças do Vale Verde. Da Silvana Goellner, do Alberto Reppold Filho, do Lamartine DaCosta, do Vitor Marinho, sem dúvidas, teríamos a descrição referenciada à história. Do Vicente Molina Neto, do Marco Stigger, do Lovisollo obteríamos uma descrição antropológica e social. E, sem dúvida, todas elas seriam ricas em detalhes e capazes de subsidiar teorias relevantes às ciências do esporte.

Em síntese, teríamos discursos diversos sobre o esporte. Todos eles, dependendo do rigor de suas análises, capazes de traduzir ou interpretar determinado ângulo do jogo das crianças do Vale Verde. Poderiam efetivamente pro-

duzir teorias capazes de intervir para melhorar a qualidade do jogo. Mas, por outro lado, tenho a plena convicção que nenhum desses discursos seria capaz de apreender todos os significados desta prática humana. Afinal, as próprias crianças jogam sem qualquer necessidade de explicação científica.

Não obstante, deixo claro. Não assumo posição de ceticismo em relação ao conhecimento científico. Não compartilho com a visão do companheiro Elenor Kunz. Entendo que, enquanto professores e pesquisadores do esporte, temos o compromisso de produzir conhecimentos em formas de teoria. Do mesmo modo, tenho a convicção que o código de leitura do real proposto pela ciência é efetivamente útil para descrever determinados aspectos das práticas esportivas. Repito, certamente não poderá explicá-lo em sua totalidade mas, não duvido de sua capacidade em criar modelos diversos mais ou menos isomórficos à realidade que nos permite descrevê-lo, interpretá-lo e sobre ele intervir.

Aliás não acredito em qualquer pretensão de teorias unificadoras. Não creio, por exemplo, que a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade ou qualquer coisa do gênero possa cumprir a promessa de uma teoria geral sobre o esporte. Enfim, como já referi na introdução, já não creio mais na possibilidade da(s) ciência(s) do esporte

com discurso unificador sobre o esporte¹⁴.

Mas, não obstante, proponho como uma das hipóteses para conduzir o presente debate, a idéia de que está na pretensão unificadora do discurso científico ou na tentativa de tornar determinado discurso científico hegemônico a pedra de toque de tantas desavenças teóricas.

Em outras palavras o problema parece ser o fato de que não relativizamos o alcance dos resultados de nossas pesquisas e de nossos discursos. Do conjunto de espelhos que refletem a realidade queremos sempre que o nosso seja o que reflita a imagem real. No entanto, não percebemos como afirma Boaventura de Sousa Santos que:

"Quanto maior é o uso de um dado espelho e quanto mais importante é esse uso, maior é a probabilidade de que ele adquira vida própria. Quando isso acontece, em vez da sociedade (em nosso caso o esporte) se ver refletida no espelho, é o espelho a pretender que a sociedade (o esporte) o reflita". (Santos, 2000,p.48).

Permitam um exemplo. Destarte a relevância indiscutível dessas descrições disciplinares sobre o esporte que descrevemos nas linhas anteriores, em nosso país um grupo importante de pensadores muito qualificados utiliza um espelho especial por onde refletem sua visão sobre a realidade. Tratam de temas ligados à educação física e ciências do esporte através de um

espelho panorâmico que lhes permite tudo assistir e sobre quase tudo apontar insuficiências. É o espelho que reflete os diversos discursos sobre a ótica da chamada teoria crítica (no texto de Valter identificada como pedagogia crítica ou sociologia crítica, p. XVII). É incrível, pois a partir desse espelho todas as outras descrições são reduzidas de importância. Tornam-se biologicistas, desenvolvimentistas, tecnicistas, a-históricas, simplistas, toscas, etc. Enfim, todos os outros espelhos são convexos e apenas refletem a imagem virtual. Somente a sociologia crítica¹⁵ é o espelho côncavo que permite ver a imagem real. É uma espécie de espelho "super-ego"¹⁶.

Mas, num breve contraponto cito novamente Boaventura de Sousa Santos:

"Uma das fraquezas da teoria crítica moderna foi não ter reconhecido que a razão que critica não pode ser a mesma que pensa, constrói e legitima aquilo que é criticável. Não há conhecimento em geral, tal como não há ignorância em geral. O que ignoramos é sempre a ignorância de uma certa forma de conhecimento e vice-versa o que conhecemos é sempre o conhecimento em relação a uma certa forma de ignorância." (Santos, 2000,p. 29)

O que quero evidenciar neste ensaio é a necessidade de que sejamos prudentes sobre a possibilidade do conhecimento e que consideremos as limitações humanas inerentes ao ato de conhecer. Por isto, insisto numa perspectiva epistemológica que supere o

realismo absoluto. Ou seja, tomemos a consciência que o nosso discurso científico não reflete o real na sua essência. Tal essência é sempre inatingível. Poderemos abstrair discursos sobre ela, mas jamais vamos ter a certeza se em algum dia estivemos se quer perto dela.

Sugiro que se pense a partir de Leonardo Coimbra, para quem o conhecimento representa "A criação ideal da realidade concreta" (Patrício, 1992, p. 196). Ou seja, há uma realidade concreta, há um mundo real em nossa volta. A fome, a miséria, o desemprego, tal como o jogo de bola das crianças do Vale Verde, são reais. Não são imagens virtuais. Mas vamos relativizar nossos discursos. Vamos crer que ele se constitui como uma criação de nossa idéia sobre esta realidade e que, portanto, não se confunde com ela. Assim como era real o jogo das crianças, qualquer de nossas descrições entre espelhos será sempre um modelo teórico sobre o real, mas que não se confunde com ele.

Ora, se pretendemos um debate profícuo sobre o esporte na escola e esporte de rendimento deveremos, necessariamente, deixar de lado os fundamentalismos de qualquer origem. Portanto, que participem do debate fisiologistas, biomecânicos, bioquímicos, psicólogos, antropólogos, sociólogos, filósofos, pedagogos, etc. Todos, com seus muitos espelhos,

certamente vão nos permitir ter imagens múltiplas, da mesma forma como são múltiplos o significados e sentidos do esporte.

A PLURALIDADE DE SENTIDOS E A POSSIBILIDADE DO DEBATE FILOSÓFICO SOBRE A ESSÊNCIA DO ESPORTE

Tenho reafirmado em trabalhos anteriores (Gaya 1994¹⁷; Gaya, Campos & Balbinotte 2000¹⁸), na linha de argumentos sugeridos por Jorge Bento¹⁹, o conceito de esporte plural. Entendo que as práticas esportivas através de suas diferenciadas formas de expressão propiciam diversos sentidos ou significados que diferem a partir dos objetivos, dos sentidos e das necessidades atribuídas por seus praticantes. Tenho referido pelo menos quatro expressões para as práticas esportivas. O esporte de excelência²⁰; o esporte escolar, o esporte de lazer e o esporte de reabilitação e reeducação. Neste ensaio, coerente com o debate proposto pela Movimento, vou me deter nos dois primeiros significados. Trato portanto do esporte de excelência e do esporte na escola no âmbito específico das práticas referenciadas a crianças e jovens.

O Esporte de Excelência para crianças e jovens.

Alguns pontos de vista para estimular o debate

Tenho a convicção que grande parte das desavenças

entre idéias favoráveis e contrárias ao esporte de excelência para crianças e jovens decorrem da dificuldade de comunicação entre os contendores. A falta de consenso quando se define o esporte de excelência ou de alto rendimento tem motivado interpretações muito diversas o que acaba por proporcionar um debate entre estudiosos que usam as mesmas palavras, todavia com significados distintos.

Evidentemente, não sou ingênuo ao ponto de não perceber que esta confusão de conceitos serve para muitos de nossos colegas. Provavelmente, não seria politicamente correto para alguns nomes de destaque na educação física brasileira, abandonar discursos fundamentalistas que agregam em torno de si um conjunto alargado de estudantes e profissionais cujo o sectarismo ideológico sempre estará acima de qualquer interesse teórico mais alargado.

Sobre o esporte de excelência, tenho assumido a definição proposta por DaCosta²¹. O esporte de excelência é uma expressão na qual predominam aspectos parciais do comportamento corporal e motor, objetiváveis e mensuráveis. *Expressão corporal e motora em que se evidencia um fluxo contínuo de ações com comportamentos ordenados e estáveis, aos quais se aplicam os propósitos fundamentais de padronização, sincronização e maximização* (1987, p.3).

O que pretendo sublinhar na definição de Lamartine Pereira DaCosta é que o esporte de excelência, mesmo relacionado a crianças e jovens, tem objetivos bem definidos. Entre outros ele enfatiza a maximização de desempenho. Ora, em sendo assim é exatamente esta característica que o torna inadequado para constituir-se como conteúdo da educação física escolar. O esporte de excelência é regido por princípios pedagógicos referenciados ao treino esportivo.

Não obstante, e aqui situo provavelmente uma de minhas divergências com Bracht e Kunz, entendo que o esporte de excelência não deixa de proporcionar a seus praticantes mais jovens aspectos de alto sentido formativo e educacional. Mas, em nosso meio acadêmico predomina o olhar a partir do espelho quase sempre sectário de uma teoria crítica que maximiza os excessos e, simplesmente, deixa de reconhecer aspecto positivo que esta prática pode oferecer.

Da mesma forma, é interessante vincar que muitas das críticas oriundas desta linha de pensamento, não apresentam quaisquer argumentos empíricos oriundos de investigações cujo o critério de validade científica lhes confira crédito. É de se observar os próprios textos anexados ao ensaio de Bracht. São ensaios, reflexões, ponto de vistas, tais como o que ora publico. Tem sua importância, mas não de-

vem ser tomados como modelos isomórficos da realidade a ponto de permitirem conclusões peremptórias.

Outro ponto de vista que proponho ao debate é o fato de que o discurso crítico ao qual me refiro sobre o esporte de excelência não delimita com clareza os critérios que situam determinada prática esportiva como sendo efetivamente de rendimento. Se não vejamos: uma criança ou jovem que participa de uma escolinha esportiva duas ou três horas por semana, ou um jovem tenista que pratica seu esporte diariamente podem ser considerados como praticantes de esporte de excelência ou de alto rendimento? Podemos considerar atletas de jogos escolares em geral como atletas participantes de esporte de excelência? Enfim, tais discursos que anunciam possíveis prejuízos a valores fundamentais da saúde física, psicológica e social dos mais jovens envolvidos com o esporte de rendimento estão adequados ao quadro real das práticas esportivas desses jovens? É evidente que quanto maior for a carga de treino, maior é o risco de surgirem problemas diversos e de várias origens. Mas, isto seria motivo para excluir a prática esportiva de rendimento para crianças e jovens? Ou, pelo contrário, seria motivo para que as pesquisas (a partir dos vários espelhos das ciências do esporte) pudessem ser orientadoras de uma prática pedagógica consistente que resguardasse nossos atletas

jovens de dificuldades desta ordem?

Às vezes custo a crer se em tantos discursos críticos que combatem de forma sectária o esporte de rendimento não está subjacente uma declaração de incompetência pedagógica quanto a forma de tratá-lo convenientemente. Se há desajustes e excessos nas práticas do esporte de rendimento (e realmente eles ocorrem), por que não tratamos de produzir conhecimentos capazes de adequá-lo às exigências biológicas, psicológicas e sociais inerentes aos diversos estágios de desenvolvimento da criança e jovens?

Incluo neste ensaio algumas reflexões sobre a questão do talento esportivo. Esta parece ser outra questão que causa desencontros frequentes entre os pedagogos e sociólogos do esporte²². Ora os estudos nesta área já são muito desenvolvido internacionalmente (e não só na área esportiva)²³ o nos permite superar alguns pré-conceitos.

Talento, conforme o Novo Dicionário Aurélio (p.1348), advém do latim *talentu* que significa peso e moeda de ouro da antiguidade grega e romana. Decorrente de sua evolução semântica, talento configurou-se com o significado de algo raro e valioso no domínio intelectual ou artístico ou, ainda, como aptidão natural ou habilidade adquirida (Maia, 1997).

Na área do desporto, como

refere Borms (1997), um talento esportivo pode ser definido como um indivíduo que, num determinado estágio de desenvolvimento, dispõe de certas características somáticas, funcionais, psicológicas e de envolvimento social que o capacita, com uma grande probabilidade de acerto, para altas performances em determinadas disciplinas esportivas.

Não obstante a adequada caracterização do fenômeno, o que devemos considerar é que nesta definição está implícito um sentido de acompanhamento, de monitorização ou de avaliação, um sentido de processo do que tange ao desenvolvimento das capacidades físicas, motoras, psicológicas e sociais dessas crianças e jovens que permitam com algum grau de confiabilidade prever performances futuras (a detecção do talento). Portanto, esta não é uma questão que possa ser tratada no âmbito da educação física escolar. É ingênuo o pensamento que atribui a educação física escolar a possibilidade de detectar talentos. Assim tornam-se impropriedades as críticas neste sentido. Engana-se quem entende que identificar entre os alunos da classe de educação física aquele que salta ou arremessa mais longe ou mais alto, corre, pedala ou nada mais rápido ou por mais tempo, ou aquele que acerta o alvo, ou joga com maior habilidade em determinado momento de seu desenvolvimento, possa se constituir na finalidade de

uma estratégia de talentos esportivos.

Outro aspecto a ser considerado é que um talento esportivo detém qualidades que não estão ao alcance de qualquer simples mortal. Para que se tenha idéia sobre sua excepcionalidade, estudos realizados nos países do leste europeu mostram que os talentos esportivos constituem-se na proporção de 1 a cada 10.000 jovens que se iniciam nas práticas esportivas. Ora, por esses argumentos, torna-se evidente que atribuir a educação física escolar a tarefa sobre a identificação de talentos esportivos é algo despropositado.

Sobre o texto de Valter Bracht devo registrar minha discordância sobre o parágrafo que transcrevo:

"No esporte de rendimento as ações são julgadas pelo seu resultado final, a performance esportiva mensurada/valorizada em função do código binário da vitória-derrota. Os meios empregados no treinamento, o próprio treinamento, tudo é medido pelo resultado final. A própria prática, o processo, a fruição do jogo não assumem importância significativa para o sistema." (p.XVI, 1ª coluna no 2º parágrafo).

Prezado companheiro, permita-me que lhe dirija diretamente esta crítica. Não faz parte do mundo real das práticas esportivas de rendimento tamanha dimensão ou obsessão pela vitória, ainda mais se tratamos do esporte de crianças e jovens. Qualquer pai, mãe, professor, treinador,

dirigente, atleta que tenha convivência em alguma comunidade esportiva sabe que o esporte de rendimento é uma escola de vida. Se apenas a vitória fosse objetivo final certamente não teríamos tantas crianças e jovens participando, pois é evidente que os vencedores constituem a minoria entre o universo dos atletas jovens.

Mesmo a perspectiva de vitória deixa de fazer sentido e normalmente frustra o vencedor quando o adversário não lhe impõe qualquer dificuldade. Tal fenômeno se observa no dia-a-dia dos campos de competição. O próprio treino, perde sentido se não houver um esforço envolvido na superação do adversário. Ganhar e perder são contingências do esporte, e talvez a sua prática seja a melhor forma de aprendermos a conviver com ambas as faces da disputa.

Não devemos esquecer, por outro lado, que esses jovens, diferentemente da maioria dos seus colegas da mesma idade e de nível econômico mais baixo, convivem em grupo com interesses comuns, compartilham ambientes sociais diversos. Viajam juntos, conhecem amigos novos em cada torneio, inclusive muitas vezes se hospedam em casa desses novos amigos, conhecem novas cidades, etc.

E, é importante que se diga, diferentemente do que muitos apregoam normalmente nessas crianças e jovens não são submetidos a cargas excessi-

vas de treino. Pelo contrário nossos estudos com participantes dos Jogos da Juventude e atletas jovens em várias modalidades esportivas sugerem que seus níveis de aptidão física referenciadas à saúde apresentam níveis satisfatórios, enquanto a maioria dos estudantes que apenas praticam a educação física escolar encontram-se em condições precárias.

Não reconhecer todo o conjunto de envolvimento social que ocorre no seio de uma comunidade esportiva e resumir o envolvimento no esporte de rendimento apenas na obsessão pela vitória constitui, meu caro Valter, uma visão irreal e que não se sustenta para quem minimamente mantém contato com o esporte de rendimento de crianças e jovens.

Por outro lado Valter, você que já foi pesquisador no âmbito do treinamento esportivo, sabe que os profissionais dessa área são competentes e a grande maioria desses nossos colegas estudam muito para tornar os programas de treino e as competições esportivas cada vez mais adequadas às exigências do desenvolvimento físico, psicológico e social dos jovens atletas. Não obstante, você faz tábua rasa de todos eles quando julga-os nos limites de um profissional alienado a quem só interessa os resultados nas competições.

Enfim, sobre o esporte de rendimento para crianças e

jovens é preciso considerar como afirmam Marques e Oliveira:

"A configuração e os contornos da atividade de treino e de competição continuam a justificar reflexões profundas, uma intensa atividade de investigação. (...) Trata-se de promover um desporto em que os mais jovens sejam, mais do que objeto, o sujeito da prática." (Ibidem. P-1)²⁴

Portanto, trata-se de investigar modelos de intervenção pedagógica que possam assegurar um elevado rendimento esportivo sem pôr em causa o desenvolvimento e os valores fundamentais da saúde - física, psicológica e social - de nossas crianças e jovens.

Esporte na escola como conteúdo da educação física ou como disciplina do currículo complementar

Ao tratar do esporte na escola, mais uma vez ponho em destaque alguns pontos sobre os quais tenho divergências com meus companheiros Eleanor Kunz e Valter Bracht. Talvez nosso principal ponto de discordância centre-se no fato de que eu não compartilhe da idéia de que o desporto como conteúdo da educação física escolar necessite ser reformulado. Não concordo com a idéia que para ensinar o esporte na escola tenhamos que minimizar suas categorias centrais como o rendimento e a competição. Não creio que essencialmente mude alguma coisa o fato de substi-

tuir o cronômetro para a medição do tempo de uma corrida de 30 metros por uma fita que amarrada ao cabelo exigirá uma determinada velocidade para que não toque ao solo (Kunz, 1994)²⁵.

Se concordamos que o esporte é uma expressão da cultura, assim como a pintura, as artes plásticas, a música. Porque devo subverter esta prática ao transportá-la para a escola? Na aprendizagem musical, seria necessário substituir o violino por um qualquer outro objeto, apenas por que o violino é utilizado na arte de excelência dos músicos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre? Ora, se vamos ensinar atletismo, basquete ou handebol e, sendo possível, por que não utilizar os materiais apropriados? Ou será que nossos alunos não têm o direito de correr numa pista oficial, ou jogar numa quadra com tabelas, cestas, goleiras e bolas adequadas? Se o objetivo do esporte na escola é a apropriação da cultura esportiva porque devo redesenhar sua configuração?

É claro que percebo as intenções dos pedagogos orientados pela sociologia crítica. Eles entendem que não devem reproduzir um modelo de prática esportiva que é colado a um modelo social com o qual todos nós queremos distância. Mas, no meu entendimento o equívoco está em não perceber, aliás como refere Umberto Eco, *que há uma prática esportiva enquanto tal e um conjunto de discurso so-*

bre o esporte. Neste último, sobre o qual já são exercidos especulações e comércios, bolsas e transações, vendas e consumos decorrentes (1984, p.223)²⁶. Estes discursos sobre o esporte ocorrem em vários níveis. São apropriações sobre uma prática cujo o cerne é a própria prática corporal.

Vejamos um exemplo. A prática do futebol tem se mantido praticamente a mesma ao longo dos anos. Todavia, o futebol hoje é um negócio que envolve interesses financeiros, políticos e está ligado a grandes incorporações multinacionais. E, eu não tenho dúvidas, em reconhecer na sociologia crítica potencialidade para desvendar estas realidades. Mas, eu estou crente que ao desvelar os fenômenos discursivos inerentes aos mecanismos da sociedade moderna os sociólogos e pedagogos críticos da educação física brasileira imputaram sobre a efetiva prática esportiva em todos os níveis os valores críticos referentes as ideologias dominantes. Portanto, se o esporte é importante fenômeno social, e não podemos evitá-lo, então vamos transformá-lo para que não siga reproduzindo os valores perversos do modelo neoliberal. Enfim, através do espelho da sociologia se faz a leitura do esporte a partir de um discurso externo que é devidamente transferido para o fenômeno esportivo na sua totalidade.

Mas os resultados práticos são evidentes. Hoje inúmeros

professores nas escolas de nosso país não tem convicções claras de como trabalhar com o ensino dos esportes. Muitos deles deixam de fazê-lo. No entanto, nossas pesquisas realizadas com crianças de classes populares exibem o índice alarmante de aproximadamente 90% de crianças de 7 a 14 anos que não tiveram acesso a qualquer prática esportiva sistematizada. E, se considerarmos que a educação física se configura para muitos desses alunos como a única possibilidade da aprendizagem da cultura esportiva, será que estamos trilhando o caminho correto quando colocamos tantos óbices à prática esportiva na escola?

Não deixo de reconhecer alguns pontos convergentes em nossas visões. São procedentes muitas das críticas que são oferecidas pela sociologia e pedagogia crítica. Talvez a mais evidente é que se possa utilizar o esporte na escola na perspectiva da exclusão da maioria em prol dos mais talentosos. Sem meias palavras, que se utilize da educação física para o treinamento das equipes da escola. Não serei eu a negar que isto ainda ocorre com certa frequência. Não tenho nenhuma dúvida que o esporte na escola seja como disciplina complementar ou como conteúdo da educação física tem objetivos distintos do esporte de excelência. Na escola, e aqui não vai nenhuma novidade, o esporte deve ser orientado pelo princípio do auto-rendimento. Onde todos tenham a oportu-

nidade para aprendê-lo e atingir os melhores níveis possíveis, se assim o desejarem.

Mais um tema polêmico. Sou adepto do esporte escolar como uma disciplina do currículo complementar. Entendo que à educação física cabe tratar da cultura corporal do movimento em sua maior amplitude. A dança, a ginástica, os jogos, a aptidão física referenciada à saúde, etc, devem ocupar espaço nos programas de educação física. Mas por outro lado, o esporte, como também a dança, pela sua importância cultural e social, assim como outras formas de expressão artística devem compor o currículo complementar. Mas sublinho, esta disciplina, não se confunde com a formação das equipes escolares, ela tem como objetivo multiplicar as aprendizagens das modalidades esportivas não possuindo qualquer caráter de exclusão por critério de performance. Seu objetivo é possibilitar o acesso das crianças às práticas esportivas formais.

Por fim, também entendo como possível e desejável, deste de que hajam condições, que seja incrementado nas escolas os clubes esportivos. Nesse caso, tais clubes reuniam os alunos que tivessem interesse em participar do esporte de rendimento. As equipes representativas da escola, os atletas cujo o interesse seria o de participar de competições externas, etc. Afinal, quantas crianças das classes mais pobres têm acesso aos

clubes e escolinhas esportivas que oferecemos aos nossos filhos?

Sobre a essência do esporte

Recentemente em visita a Universidade do Porto conversávamos eu e o Prof. Lamartine Pereira DaCosta e o Prof. Alfredo Faria Jr. sobre sentidos, significados, funções e essência do esporte. Era uma noite fria e chuvosa e nós jantávamos na companhia do Marco Paulo Stigger que pela manhã havia defendido sua tese de doutoramento e onde se discutira sobre a questão da essência do esporte. Como já referi em trabalhos anteriores, creio que a evidência de que os homens ao longo da história e em todas as civilizações praticaram esporte ou algo muito próximo, designa uma necessidade ontológica que dá sentido à discussão sobre a natureza ou essência do esporte. Sobre alguns aspectos principais, concordamos, Lamartine e eu, assim é que volto ao tema. Não vou discorrer sobre minha hipótese essencialista. Mas reafirmo minha convicção na relevância deste debate.

Como já expressei em nota de roda-pé neste ensaio, me surpreendeu a crítica de Valter Bracht. Sua primeira intervenção oral neste sentido ocorreu em nosso debate na UNIMEP em Piracicaba, e agora surge por escrito na revista Movimento de forma mais forte. Valter, do meu ponto de vista,

se equivoca na interpretação que faz de meu texto em conjunto com Campos e Balbinotte. Falar em essência de um fenômeno não significa que se negue sua historicidade. Isto é tão elementar que pareceria desnecessário explicar. Mas, Valter interpretou diferente e nos acusa de olharmos mal. Nos acusa de olharmos com uma visão tosca que trabalha com o pressuposto de que o esporte é a-histórico. Conclusão falsa.

Na conversa com Lamartine, lhe ouvi fazer uma exposição a partir de como nas artes fora equacionado a questão do sentido e da função. Lembro que essas eram as expressões utilizadas. Lamartine afirmava que historicamente a humanidade sempre concedeu significado relevante às artes. Isto tinha, portanto, um sentido ontológico, mas a interpretação pessoal da obra de arte é funcional. Nem o autor nem ninguém poderia exercer o controle da função atribuída ao admirador ou ao crítico da obra de arte. Em outras palavras ela adquiria sentidos diversos.

Daí voltamos ao esporte, e por analogia, tentamos convergir em nossa análise. Ora, também ao esporte a humanidade atribuiu um sentido ontológico. Qual será? No momento não interessa, mas tal constatação abre o caminho para a discussão sobre a essência do esporte. Mas, além da essência os esportistas, tal como os artistas, dão sentidos

diferentes ao esporte. Eles lhe atribuem significados que são influenciados pela cultura de seu tempo. O esporte pode significar saúde, rendimento, lazer, etc. Está correto a afirmação de Valter quando sugere: *Assim, críticas ao esporte só podem ser endereçadas ao seu sendo.(sic) a como ele se apresenta historicamente.* Certo! A crítica deve ser atribuída ao sentido que assume o esporte nas diversas visões que lhe conferem seus praticantes (ou os seus falantes). Mas o que não concordo é que Valter atribui um único significado ou sentido ao esporte a que ele chama de concepção hegemônica e aí o esporte empobrece e é nesta pobreza de sentidos que se estrutura grande parte do discurso crítico de Valter Bracht sobre o esporte.

Entendo, que o esporte, em seu sentido lato, é tão comum e familiar na história da sociedade humana que poderia parecer um tanto desnecessário e trivial explicá-lo em sua essência. Mas esta discussão sobre a essência se torna relevante, principalmente, porque presenciamos várias tentativas de reinterpretá-lo, redefiní-lo ou reinventá-lo, principalmente à luz de idéias auto-referenciadas como progressistas, humanistas ou revolucionárias. Todavia, são discursos a partir de visões que se refletem em espelhos diversos. Configuram-se, talvez, como caleidoscópios, onde conforme o movimento do objeto se percebe imagens diferentes.

Enfim, defendo a perspectiva de que devemos relativizar nossos discursos. Deixar para trás as tentativas de impor idéias hegemônicas, como se fossem verdades definitivas. Devemos desenvolver uma maior tolerância epistemológica e construirmos modelos isomórficos à realidade a partir das múltiplas abordagens disciplinares. Deixemos de lado a ilusão do conhecimento único. Aliás, diga-se de passagem, este é um modelo característico da modernidade. Modernidade cujo o modelo de regulação através principalmente do conhecimento científico, profundamente estruturado na filosofia positivista (com pretensão do discurso único), além de muito progresso e avanços tecnológicos incontestáveis, politicamente nos legou uma sociedade injusta para a maioria da população que habite este planeta.

Quem sabem façamos da solidariedade, da tolerância e da pluralidade de sentidos os pressupostos de uma nova atitude científica. Quem sabe, como sugere Boa Ventura de Sousa Santos, estes princípios não configurem as bases de um paradigma emergente ou de uma epistemologia pós-moderna.

NOTAS

¹ Aqui, quero sublinhar que o debate proposto pela Revista Movimento foi Esporte na Escola e Esporte de Rendimento, e não como situa Valter Bracht em seu texto introdutório "(...) Es-

porte de rendimento na escola " p. XIV. Evidentemente é um debate diferente se proposto da forma como Valter apresentou. Não seguirei este caminho no presente ensaio.

² Refiro-me especificamente ao debate sobre "O que é Educação Física?" que ocorre nesta mesma revista.

³ Embora tenha a honra de ser um dos editores da Revista Movimento, aqui falo em meu nome pessoal.

⁴ Refiro retornar ao tema posto que já foi divulgado em 2 trabalhos publicados no Brasil e em 1 trabalho publicado em Portugal. Sendo que foi tema de debate entre Valter Bracht, Elenor Kunz, Ademir Gebara e eu próprio durante o I Congresso Científico Latino-Americano da FIEP, realizado em Piracicaba em 2000.

⁵ Cf. Sousa Santos, *A medida que o colapso da epistemologia realista se torna cada vez mais evidente, a relação entre fatos e teorias torna-se também cada vez mais complexa. Os fatos e as teorias representam simplesmente diferentes perspectivas e diferentes graus de visão dentro do mesmo campo epistemológico. Esta concepção é também mais compatível com a reconstrução retórica do conhecimento científico para o qual os fatos e as verdades (teóricas) são argumentos diferentes dentro do mesmo discurso.* (Santos, 2000, p.312)

⁶ Cf. Chalmers, A. *O que é a ciência, afinal?* São Paulo, Brasiliense, 1993.

⁷ A utilização do espelho em quanto imagem sobre a origem do conhecimento não se esgota nesta citação. Leonardo Coimbra discute as visões do empirismo puro a que denomina de "de calque da experiência" e o racionalismo puro onde "o real é o racional e só o racional é real" utilizado-se desta analogia. Ver. Patrício 1992, p197.

⁸ Estive em Évora na realização de um dos Congressos da Escola

Cultural. Tive a oportunidade de presenciar as diversas oficinas, de ciências, de artes, de música (a orquestra da cidade, cujo maestro é o próprio Manuel Patrício), de dança que integram toda a comunidade escolar e da cidade (estudantes, pais, professores, etc). Foi um projeto piloto que se desenvolvia no âmbito dos debates sobre a reforma educacional em Portugal.

⁹ Boaventura de Sousa Santos foi muito noticiado na imprensa brasileira por ter argüido o Presidente Fernando Henrique Cardoso quando da solenidade de Doutor Honoris Causa que lhe foi atribuído pela Universidade de Coimbra. Da mesma forma foi noticiado pela imprensa por sua importante participação como conferencista do Fórum Social Mundial recentemente realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro.

¹⁰ O amigo comum é o Prof. José Vicente Tavares dos Santos, sociólogo e estudioso sobre as questões da violência e atualmente diretor da Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Professor José Vicente foi, possivelmente, o principal articulador das relações de Boaventura de Sousa Santos com a UFRGS, onde inclusive proferiu Aula Magna e com a Administração Popular que governa o município de Porto Alegre.

¹ Voltando as críticas de Valter Bracht sobre a questão da essência expressa no que o autor denomina como equívoco/mal entendido 1 em seu texto à página XVI, recebo-a com espanto. Não me parece possível que um autor do nível de Valter Bracht possa interpretar como tosca uma discussão sobre a essência de fenômenos, sejam naturais ou humanos. É central na história da filosofia discussões, por exemplo: sobre a essência do homem, a essência do bem, do belo, do conhecimento, etc. E é evidente, contrariamente ao que sugere Valter, que discutir sobre a essên-

cia não elimina necessariamente o caráter histórico e social atribuído a qualquer fenômeno do conhecimento humano. Esta é uma visão precipitada, portanto me custa crer que Valter tenha sido suficientemente claro em sua crítica.

¹² E sabemos que não, posto que um espelho côncavo em determinadas condições também produzirá imagens virtuais

¹³ Por quadro isomórfico da realidade entendemos que qualquer discurso científico (e não só) cria modelos sobre o real. Embora não traduzam o real em sua essência, todavia são capazes de explicitar mecanismos passíveis de intervir sobre o real. É uma perspectiva epistemológica que considero, na esteira de Atlan, como de um relativismo moderado, talvez um ideo-realismo como sugere Leonardo Coimbra, ou o realismo representativo como propõe Alan Chalmers.

¹⁴ Da mesma forma também não creio na ciência da motricidade humana, ou na ciência do movimento humano como discurso unificador de qualquer expressão da cultura corporal.

¹⁵ Sugiro sobre o tema a leitura do capítulo 6, A Ciência e a Sociologia do Conhecimento, do Livro A Fabricação da Ciência de Alan Chalmers. Chalmers, A. *A Fabricação da Ciência*. São Paulo, UNESP, 1994.

¹⁶ A teoria crítica parece agir como um espelho que reflete a imagem de outros espelhos. Mas, assim como um caleidoscópio,

provavelmente essas imagens se transformem conforme se manipule o brinquedo.

¹⁷ Gaya, A. C. *A As ciências do desporto no espaço de língua portuguesa*. Porto, Universidade do Porto, 1994.

¹⁸ Gaya, A. C. A.; Campos, J. & Balbinotti, C. A. Esporte, História e cultura: Fundamentos de filosofia sobre a natureza do desporto. In: Moreira, W.W. & Simões, R. *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba, UNIMEP, 2000, ps.III - 120.

¹⁹ Bento, J.O. Desporto, saúde e vida. Lisboa, Horizonte, 1991; Bento, J.O. *O outro lado do desporto*. Campo das letras, Porto, 1997; Bento, J.O. Da saúde, do desporto, do corpo e da vida. In: *Boletim de Educação Física. Sociedade Portuguesa de Educação Física*. Nº 17/18, 1999, p. 11-16.

²⁰ Termo que considero mais adequado do que esporte de rendimento.

²¹ DaCosta, L.P. *A reinvenção da educação física e desportos segundo paradigmas do lazer e da recreação*. Lisboa, DGD, 1987. p.3.

²² Devo confessar que sobre este tema mais uma vez me surpreende a posição apressada e pré-conceituosa de Valter Bracht. É um argumento que desqualifica o debate e nem de longe corresponde a verdade. Dentro do conjunto de 12 Centros de Excelência Esportiva que foram financiados pelo antigo INDESP,

apenas dois deles apresentam linhas de pesquisa sobre o talento esportivo. E ressalta-se que já o faziam muito antes da implantação dos referidos centros. Por outro lado, s.m.j. é uma acusação, inclusive desrespeitosa à Revista Movimento da UFRGS, que na opinião do autor do ensaio estaria se prestando a propor um debate com o intuito de legitimar o seu Centro de Excelência a partir da revalorização pedagógica do esporte de rendimento. (Cf. o texto de Bracht, p.XV primeira coluna).

²³ Assinale-se que os modelos matemáticos e metodológicos que são utilizados na área do esporte são provenientes principalmente da psicologia e são adotados em todas as áreas que buscam talentos. Das artes até o recrutamento de pessoal especializado para funções diversas.

²⁴ Marques, A. T. & Oliveira, J. *O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde*. Texto inédito a ser publicado em obra conjunta entre USP e UP. 2001.

²⁵ Kunz, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí, Unijuí, 1994.

²⁶ Eco, U. *Viajem na irre realidade cotidiana*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

**Adroaldo Gaya é Doutor em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto/Portugal e Professor titular da ESEF/UFRGS, (acgaya @ esef ufrgs. br)*